

## **Covid-19 - Considerações sobre os efeitos indiretos na população especialmente sobre as grávidas**

Milhares de famílias enlutadas. Milhões de pessoas doentes. Este é o triste balanço da pandemia de Covid-19 que atinge o mundo desde 2020. Estatísticas, por vezes contraditórias em números absolutos, mostram que as curvas de crescimento e quedas dos casos da incidência do vírus são similares em todo o planeta, às vezes com hiato de tempo entre subidas ou descidas de uma para outra região. O fato é que o mundo foi atingido por esse tsunami sanitário sem estar devidamente preparado para enfrentá-lo. O resultado foi enorme morbidade e a mortalidade, ambas atribuídas à doença.

Porém, enquanto o mundo se debatia para enfrentar, por vezes de forma indecisa ou inconveniente, os problemas da nova doença, a vida continuava. As moléstias que geralmente acometem as pessoas não desapareceram.

Apesar de necessários, atendimentos ambulatoriais foram adiados, as vagas hospitalares, especialmente de unidades de terapia intensiva, tornaram-se insuficientes. As vagas existentes tiveram que ser destinadas aos portadores de Coronavírus, especialmente os mais graves. Diante dessas dificuldades amplamente difundidas, as pessoas deixaram de buscar os serviços de saúde para tratar ou controlar doenças atuais ou crônicas. Difícil aquilatar quanto foi prejudicada a assistência à saúde da população.

Houve, porém, um grupo de pessoas especialmente prejudicadas, nem sempre ou quase nunca doentes, mas com necessidade cientificamente comprovada de acompanhamento direcionado para sua condição: as grávidas. Sendo pessoas geralmente sem sintomas a não ser os incômodos próprios do estado gestacional e, tendo em vista as dificuldades de atendimento nos ambulatórios abarrotados de suspeitos ou portadores de Covid-19, as consultas de rotina foram proteladas.

A afirmação acima pode ser comprovada pelos dados divulgados pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) e pelo Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (Sisab), ambos órgãos do Ministério da Saúde. O quadro abaixo mostra os períodos de mitigação da doença e respectivos números de consultas de pré-natal por gestantes:

<b>Competência</b>	<b>1 a 3 consultas</b>	<b>4 e 5 consultas</b>	<b>6 consultas e mais</b>
Setembro/21	43.493	9.628	7.244
Outubro/21	28.829	5.189	3.683

Já o próximo quadro mostra os números durante o período em que o número de casos de Covid-19 cresceu:

<b>Competência</b>	<b>1 a 3 consultas</b>	<b>4 e 5 consultas</b>	<b>6 consultas e mais</b>
Janeiro/22	8.304	435	106
Fevereiro/22	3.781	56	6

Levantamento do Ministério da Saúde mostra que os números de consultas realizadas até a 20ª semana de gravidez ficaram em 26.558 em setembro de 2021, 22.221 em outubro de 2021, 11.122 em janeiro de 2022 e 5.006 em fevereiro do mesmo ano.

São poucos exemplos, mas permitem ter uma idéia do prejuízo da pandemia para a saúde perinatal. Ao se estudar a qualidade da assistência pré-natal, o número de consultas e a época do início, embora não sejam os únicos fatores responsáveis pelo bom êxito da gravidez, têm uma representação importantíssima para esse índice. A falta de consultas e seu início tardio trazem como consequências, por exemplo, a falta de exames básicos, como de sífilis, por exemplo, e de orientação nutricional.

Apesar de não se ter números totais sobre a morbidade e a mortalidade materna e perinatal resultante dessa carência em um período superior a dois anos da pandemia, pode-se inferir que os prejuízos são incalculáveis.

Dessa forma é necessário que as autoridades sanitárias mantenham-se atentas ao surgimento de outras possíveis epidemias ou até pandemias ao longo do tempo. É grande a chance de isso ocorrer considerando o grande número de patógenos infectantes de animais que, de um momento para o outro, podem se tornar infectantes para o ser humano e trazer à luz problemas tão ou mais graves que a Covid-19.